

## Os antecedentes do rádio

Francisco Alcides do Nascimento  
Professor do Departamento de Geografia e História  
da Universidade Federal do Piauí

A pesquisa sobre a “História do Rádio no Piauí permitiu, até o momento, realizar entrevistas temáticas e de histórias de vida, com homens e mulheres que trabalharam em emissoras localizadas em Teresina e Parnaíba no período compreendido entre 1940 e 1970, além de revista e jornais publicados em Teresina no período recortado. Visa construir uma certa história sobre rádio empregando entrevistas com locutores ( disk- jockey, cronistas sociais, atores e atrizes de novelas de rádio), sonoplastas, eletricitistas etc. Avalia-se como relevante a pesquisa porque os empresários do setor foram descuidados com a memória desse meio de comunicação, uma vez que as fontes escritas, ou sonoras não foram preservadas. Embora exista um curso de Comunicação Social na UFPI, não se publicou uma obra substantiva sobre esse meio de comunicação no Piauí. Por fim, acredita-se que a sociedade piauiense possa enxergar-se na obra como co-autora dessa história.

A presente comunicação objetiva, em primeiro lugar, discutir como homens e mulheres utilizaram “as ondas do rádio” para informar, divertir e encantar a sociedade num período onde o rádio era o principal meio de comunicação de massa no Piauí, depois apresentar as diversas formas de como cada homem e mulher narram as suas histórias e, como o conjunto destas trajetórias conforma a história do rádio no Piauí.

Como é sabido o ato de lembrar é individual, entretanto as lembranças estão relacionadas com o grupo social ao qual fazemos parte, ou julgamos pertencer. O fato de pertencermos ao grupo faz com que algumas atitudes coletivas sejam pensadas como individuais. “Ao permanecermos em contato com um grupo, somos capazes de nos identificarmos com ele e de confundir nosso passado com o seu”.<sup>1</sup>

Homens e mulheres que fizeram o rádio no período já mencionado encantaram, seduziram e informaram os ouvintes através de uma programação ampla e variada, mas nos interessa saber como narram suas experiências individuais enquanto comunicadores de massa. “[A memória ] guarda os momentos mediante a razão narrativa, presente nos sujeitos através da linguagem. Esta expressa na razão narrativa instrumento de poder, ausência e sedução”.<sup>2</sup> “(...)para poder ajudar a criar os meus irmãos(...) Eu sempre gostei de rádio, eu ouvia muito rádio, o meu hobby maior era ouvir rádio(...) Era a Rádio Marajoara de Belém do Pará, que naquele tempo, tinha grande audiência no Nordeste; era a Jornal do Comércio do Recife. Eu ainda ouvia o Repórter Esso. Eu gostava muito “daquela entrada”.<sup>3</sup> No momento em que Mestrinho<sup>4</sup> narra percebe-se como considera importante o momento da narrativa onde lembra de acontecimentos que julga relevantes

para o sucesso na profissão. Roger Chartier chama a atenção para a construção das representações do mundo social. Diz ele que, “mesmo aspirando à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinados pelos interesses de um grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza”.<sup>5</sup> Mestrinho vivendo um presente onde o sonoplasta perdeu o seu posto para um computador procura valorizar a sua participação nos primeiros tempos do rádio.

A forma de narrar de Mestrinho nos remete para a desconfiança que os críticos do emprego das fontes orais fazem na construção da narrativa histórica, alegando a grande carga de subjetividade das narrativas individuais, e o caráter seletivo da memória. Esquecem, por vezes, que toda e qualquer fonte está impregnada de subjetividade, uma vez que o seu autor é o ser humano, ou ele coordena a sua construção. Os documentos escritos não são fiéis aos fatos. Existe sempre um intermediário entre a narrativa do acontecimento e o próprio acontecimento. É preciso pensar que a diferença entre uma fonte e outra, reside no fato de que nos documentos escritos, depositados nos arquivos, o historiador, no geral, não participou da construção deles e no caso das fontes orais (entrevistas temáticas, histórias de vida ou trajetória de vida) o historiador junto com o entrevistado constroem o documento. Ali o historiador trabalha com papéis velhos e empoeirados, aqui o historiador lida com gente viva e "gente não é papel". Argumentam que a memória não é confiável como fonte histórica porque fica distorcida pela deterioração física e pela própria nostalgia daqueles com idade avançada, pelas tendências pessoais tanto do entrevistador, como do entrevistado e pela influência das versões coletivas e retrospectivas.<sup>6</sup>

Consideram-se necessárias algumas palavras sobre a entrevista. Palhares-Burke<sup>7</sup> defende que o papel de um entrevistador é forçar a intimidade; fazê-lo falar sobre o que não falava por si mesmo. Para isso, entretanto, alguma preparação preliminar é absolutamente imprescindível para conhecer de modo detalhado a vida do entrevistado, e isso demanda estudo, pesquisa sobre quem é, o que fez/faz, que interesses possui, o contexto onde atuou/atua; é indispensável a preparação de um roteiro de entrevista, mesmo que essa seja uma entrevista de história de vida, em que o entrevistador deve interferir o mínimo possível.

Por fim, diante do quadro de descuido já mencionado com relação à preservação das fontes escritas sobre a memória do Rádio no Piauí, o emprego da História Oral como método/técnica transforma-se em instrumento fundamental na construção da memória e de uma certa história desse Rádio.

Na década de 1910 nascia no Brasil o radioamadorismo, que tomou grande impulso graças às dimensões continentais do país. Nesta mesma década nasceu também a radiodifusão. Em 1923 foi fundada, no Rio de Janeiro, a Rádio Roquete Pinto, que mais tarde passaria a ser chamada Rádio do Ministério da Educação. Um ano depois foi a vez de surgirem mais duas emissoras: a

Rádio Jornal do Comércio, em Recife, e a Rádio Clube Paranaense, em Curitiba.

A década de 1930, no que diz respeito à radiodifusão é marcada pelo aumento da produção de aparelhos de rádio, embora os componentes continuassem sendo importados. Logo no início desta década o governo tentou, pela primeira vez, a implantação de um Código de Comunicações através do Ministério de Viação e Obras, que tinha como ministro, o paraibano José Américo de Almeida. Nesse mesmo ano, Getúlio Vargas através de decreto –lei autoriza a veiculação de propaganda pelo rádio. Na segunda metade da década, foi inaugurada no Rio de Janeiro a Rádio Nacional, que daí a quatro anos seria encampada pelo Estado.

No processo de modernização do Estado brasileiro, o rádio foi um instrumento poderoso na divulgação do ideário estadonovista, e Getúlio Vargas soube como empregá-lo na construção do mito do “pai dos pobres”. “A técnica da propaganda explora exaustivamente um dado clima de religiosidade constitutivo das relações entre o chefe e comandados, que se consubstancia principalmente no culto de veneração à pátria”.<sup>8</sup> A partir de 1943, o Ministro do Trabalho começou a transmitir através do rádio uma série de palestras dirigidas aos trabalhadores. O programa foi denominado de “Hora do Brasil” e todas as emissoras de rádio existentes no país eram obrigadas a retransmiti-lo.

Na equipe de Leônidas Melo, interventor do Piauí, existia auxiliares que sabiam da importância do rádio para divulgar o trabalho desenvolvido pelo governo no sentido de construir um novo Piauí, um novo homem, um cidadão novo. Entretanto, o interventor não foi capaz de concretizar o sonho de implantação de uma emissora de rádio na capital, embora defendesse o processo de modernização dos instrumentos de comunicação de massa. Tal incapacidade fica mais visível diante da disposição do governo federal em distribuir emissoras de rádio pelas várias regiões do país.

Antes do golpe, Getúlio Vargas discursando no 1º de maio de 1937, informou que o governo estava ultimando esforços para aumentar o número de estações radiofônicas e anunciou o propósito de instalar em todo o interior do país receptores providos de alto - falantes em praças, logradouros públicos. O governo sabia que o contingente de analfabetos do país era enorme. Em 1920, o percentual era da ordem de 65,2% do total de brasileiros. Em 1940, houve queda no percentual, mas o índice continuou muito alto, o que, olhando da perspectiva de criação de uma imagem positiva do chefe, justificava a “preocupação” de Getúlio Vargas em espalhar emissoras de radiodifusão e aparelhos receptores, além de amplificadoras por todo o país.

Entre 1932 e 1937 foram instaladas no Brasil 42 novas estações que somadas às existentes totalizaram 63. Em 1944, havia 106 estações em funcionamento e 111 em 1945. Durante o Estado Novo o número de aparelhos receptores registrados subiu de 357.921, em 1939, para 659.762 em 1942.

A primeira emissora de rádio a cortar os ares piauienses o fez de forma clandestina e precariamente a partir de 1937. Devido às condições mencionadas foi fechada em 9 de julho daquele mesmo ano. Somente em 17 de abril de 1940, a Rádio Educadora de Parnaíba<sup>9</sup> entra no ar de forma experimental. A 3 de maio do mesmo ano, do modo definitivo.

Em Teresina, as informações mais remotas sobre os meios de comunicação de massa, nos remetem às amplificadoras. Em 25 de dezembro de 1938, inaugura-se a “Radio Amplificadora Teresinense. “A voz da cidade, ” como seus locutores a caracterizavam. Ela é tida como a mais antiga amplificadora comercial de Teresina. Fazia propaganda comercial e divulgava notícias que interessavam ao público em geral. A outra amplificadora pertencia à casa comercial “A Rianil”. Esta e a Rádio Amplificadora Teresinense, prestavam serviços à comunidade. Era comum transmitirem solenidades. Esses meios de comunicação estavam destinados a pequenas cidades e cumpriam bem o seu papel em Teresina. Outro serviço de alto-falante que funcionou em Teresina foi a “Amplificadora Cultural de propriedade da Arquidiocese. A sua sede, durante algum tempo, foi no prédio depois ocupado pela Rádio Pioneira de Teresina.

Em junho de 1940, o *Diário Oficial* informa que uma comissão constituída por personalidades do comércio local manteve entendimento com o interventor federal no sentido de obter apoio para a criação de uma sociedade que deveria explorar a radiodifusão. O articulista defende a idéia porque acredita que “...vai aumentar o índice de progresso, em particular em Teresina, e em geral, de todo o Piauí que não pode ficar em plano inferior aos seus co - irmãos, nesta fase de completa evolução”<sup>10</sup>. Esse projeto não se concretizou.

A Rádio Difusora de Teresina Ltda, fundada no dia 13 de julho de 1946, só foi colocada no ar em 18 de julho de 1948, operando em ondas largas (ZYQ-3). Em 5 de junho de 1949, passa a operar em ondas curtas (ZYU-8). Nasceu a partir de uma sociedade limitada da qual eram quotistas: Cláudio Pacheco Brasil, Sigefredo Pacheco e Alzira Torres de Sampaio Pacheco Ramos Leal (esposa de Waldemar Ramos Leal). Entrando no ar 1948, isto significa 28 anos depois de fundada a primeira emissora no País.

O noticiário falado foi um dos ganchos do Rádio no País e no Piauí. Todos aqueles que viveram, principalmente em Teresina, lembram do jornal transmitido pela Rádio Difusora de Teresina, *O Grande Jornal Q/3* que prendia o teresinense em casa. José Lopes dos Santos, que o dirigiu de 1951 a 1980, afirma que o Jornal se tornou famoso e imprescindível na vida do piauiense ao longo de trintas anos. Teve expressiva influência em todas as atividades do Estado.

Se a década de 1940 assistiu ao nascimento de duas emissoras de rádio no Piauí, uma em Parnaíba e outra em Teresina, na década seguinte, mais uma vai se juntar àquelas. Trata-se da Rádio Difusora de Floriano,<sup>11</sup> inaugurada em 19 de outubro de 1957, a primeira emissora da cidade e também daquela região do Estado.

Como as outras emissoras espalhadas pelo País e Piauí, a Rádio Difusora de Floriano também privilegiou os programas de jornalismo. As fontes empregadas na captação das notícias eram: a rádio –escuta, que na verdade era também o principal instrumento das outras emissoras piauienses e brasileiras. A outra fonte eram os jornais editados principalmente em Teresina. Este era um fator que criava dificuldade para a equipe de jornalismo da emissora, afinal de contas, os jornais tinham que viajar 240 quilômetros através de estradas de qualidade muito ruim. Ainda não se podia falar de estrada asfaltada no Piauí. Além das notícias nacionais e estadual, a emissora reservava espaço nos programas para as notícias locais e para os expedientes das prefeituras de Floriano e das cidades mais próximas daquela.

A Rádio Clube de Teresina nasceu em 1960. Sobre a origem desse projeto tem-se notícia de que um grupo de políticos sentindo dificuldade na divulgação de suas idéias se propôs a instalar uma nova emissora de rádio em Teresina. Algum tempo depois, uma figura respeitável nas comunicações do Piauí adquiriu as ações da emissora.

A emissora durante muito tempo rivalizou com a Difusora, e depois com a Pioneira, na busca de uma programação que envolvesse a sociedade piauiense, e muito especialmente, a de Teresina. Nomes como o de Carlos Augusto de Oliveira Lima, Francisco Figueiredo, Fernando Mendes, fizeram os jornais falados, transmissões esportivas e programas musicais que contribuíram para a informação e formação desse conjunto de atividades humanas que chamamos de cultura.

Em 1964 a direção artística da emissora introduziu uma programação semelhante a da Rádio Jornal do Brasil, com músicas e notícias. Essa programação, ao mesmo tempo em que informava os últimos acontecimentos, apresentava a diversidade da música popular brasileira. Programas musicais como “Em cada canção uma história” e “Quando fala uma canção” fizeram sucesso ao mesmo tempo na emissora. Contavam com a participação do público através de cartas que narram, em sua maior parte, casos amorosos.

Consolidado o sucesso desses programas, a emissora desenvolve novos projetos, tais como transmissões externas feitas diretamente de clubes como o Clube dos Diários, ponto de encontro da sociedade local. A esmo, a emissora passou a promover bailes nos bairros da cidade com artistas da terra e shows com cantores de renome nacional.

A Rádio Pioneira de Teresina é de setembro de 1962. No mês em a emissora católica entrou no ar, antes do funcionamento, já se encontrava na cidade uma equipe do MEB, vinda do Rio de Janeiro, provavelmente para treinar os educadores radiofônicos.

A Rádio Pioneira de Teresina nasceu de uma sociedade onde o capital inicial resultou de cotas que acionistas adquiriram. O maior acionista era o arcebispo porque a Igreja não podia ter o seu nome relacionado a uma emissora de rádio. Numa linha decrescente, o segundo maior acionista era o Pe. Rego. Depois, um leigo era o acionista com maior número de cotas na sociedade, no caso

o Dr. Jesus Elias Tajra.

Pedro Mendes Ribeiro foi convidado para fazer parte da equipe que deveria instalar a Rádio Pioneira de Teresina, todavia sendo diretor de Jornalismo da Rádio Clube de Teresina não aceitou o convite. É bom que se diga que Pedro Ribeiro conheceu Dom Avelar quando este chegou em Teresina, em meados da década de cinquenta. O pastor queria informações sobre a realidade sócio-econômica do Piauí e procurou o IBGE. Pedro Mendes Ribeiro era estatístico daquela instituição e foi indicado para assessorá-lo. O fato de ser jornalista aproximou ainda mais os dois.

O fato de a Rádio Pioneira ser considerada a voz da Educação e da Cultura não se tratava apenas de um jargão da emissora, os locutores mediam tudo antes de verbalizar informações, ou fazer comentários que pudessem atingir as pessoas; quer dizer, sendo a Rádio Pioneira de Teresina uma emissora católica, e tendo como objetivo inicial à informação e a formação cultural, não podia permitir que os seus locutores fossem descuidados com a forma de comunicar, de verbalizar as informações. Homens que fizeram a emissora no período em que Dom Avelar Brandão Vilela esteve à frente da arquidiocese e da emissora são taxativos:

Tínhamos que preservar a estrutura da rádio, a função da rádio que era a voz da educação e da cultura. Tinha a vinculação religiosa da rádio, então tínhamos muito cuidado para não arranhar essa linha editorial da rádio. Mas se dissesse um palavrão aqui estava excomungado por Dom Avelar, no tempo dele não aceitava de maneira nenhuma, não poderia dizer.<sup>12</sup>

Dom Avelar Brandão Vilela descobrira o poder da comunicação; era um intelectual capacitado e de muito prestígio, tanto no Brasil quanto fora dele. Por isso, a decisão de montar uma emissora de rádio, com o intuito de ajudar na educação dos mais pobres, trouxe-lhe aborrecimentos, mas também apoio internacional. Dom Avelar era, sobretudo, um comunicador. Além disso, tinha uma certa vaidade, e desejava ser ouvido por um grande número de pessoas. A emissora seria transformada em “outro” púlpito. Esse poderia permitir que a palavra do pastor fosse ouvida por milhares de fiéis.

Então, ele conseguiu isso, imagine as dificuldades, imensas dificuldades que ele enfrentou para conseguir montar essa emissora. Eu tenho quase certeza de que nessa iniciativa estava o desejo dele, primeiro de ser ouvido e depois de difundir as idéias liberais, as questões mais objetivas, defesa do interesse público, com energia. A Rádio Pioneira teve a ousadia, de em plena ditadura manter um programa que era apresentado pelo Dr. Manoel Emílio Bulamarque, um programa matutino, programa que começa às cinco horas da manhã, se não me falha a memória, *Desperta Camponês*, voltado exatamente para um processo de conscientização dos camponeses. E por conta disso [Emílio Bulamarque] foi preso e Dom Avelar muitas vezes importunado.<sup>13</sup>

Durante a ditadura militar, programas musicais eram incentivados com o objetivo de envolver os jovens de forma alienante, mas não se pode generalizar porque foram montados

programas de forma inteligente, que tinham a função de educar. Deoclécio Dantas defende que entre o final dos anos 1960 até meados da década de 1970, quando trabalhou na Rádio Pioneira, a programação radiofônica era montada para educar, educar para a vida. Dentre as muitas figuras importantes do rádio naquele momento, Dantas lembra do radialista Murilo Campelo, que apresentava dois programas na Rádio Pioneira, programas estes que visavam o entretenimento dos ouvintes, mas não tinha apenas essa finalidade pura e simples. No programa “Atrações MC”, eram feitas perguntas inteligentes que despertavam o interesse dos ouvintes, conduzindo-os ao trabalho de pesquisa para as respostas, que, quando corretas, conferiam prêmios aos seus formuladores”.<sup>14</sup>

No horário noturno, o mesmo locutor apresentava o programa “Suave é a Noite”, “um musical marcado por canções românticas e declamações de poemas. Voz excelente é o que não lhe faltava para elevar o nível daqueles programas”.<sup>15</sup> Mesmo depois do aparecimento da televisão, o teresinense continuou dispensando boa audiência aos programas apresentados por Murilo Campelo.

A emissora nasceu diferente, inclusive no que diz respeito aos equipamentos. O transmissor foi importado da Alemanha e esse equipamento ajudou a fazer a diferença entre a Rádio Pioneira e as demais. A emissora podia ser ouvida em todo o Piauí, em alguns Estados nordestinos e região Norte do País. Os diretores da Rádio Pioneira recebiam correspondências, inclusive do Exterior, informando que a emissora estava sendo ouvida.

A pesquisa teve desdobramentos mais ou menos esperados no que diz respeito às dificuldades, uma vez que duas das emissoras ficam em cidades distantes de Teresina, como foi apontado no corpo do texto. Embora a pesquisa tenha contado com apoio de estudantes financiados com bolsas de iniciação científica, não existia financiamento para deslocamentos. Todavia a pesquisa ficou pronta faltando realizar entrevistas com homens e mulheres que fizeram a Rádio Difusora de Floriano.

A pesquisa já apresentou alguns frutos importantes, entre os quais pode-se destacar o prêmio de melhor trabalho dos bolsistas do Centro de Ciências Humanas e Letras/UFPI, concedido pelos consultores do CNPq/PIBIC; uma monografia de final de curso de aluna do curso de História; artigos publicados em revista local, além de comunicações orais realizadas pelo autor do projeto de pesquisa e pelos bolsistas.

---

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

<sup>1</sup> HALBWACCS, Maurice. *Memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990, p. 28.

<sup>2</sup> GROSSI, Yonne & e FONSECA, Amauri. Razão narrativa: significado e memória. *História Oral*, São Paulo n. 4, 2001, p.39-54.

<sup>3</sup> PERNAMBUCO, José de Ribamar Aquino. *Depoimento concedido a Francisco Alcides do Nascimento*. Teresina, 24 de novembro de 2001.

<sup>4</sup> É como ficou conhecido entre os colegas de rádio e televisão, o sonoplasta José de Ribamar Aquino Pernambuco, um dos mais experientes ainda em atividade.

<sup>5</sup> Chartier, Roger. (1988, p. 16).

<sup>6</sup> THOMPSON, Alistair. Reconstituo a memória: a questão sobre a relação entre a História Oral e as memórias. **Projeto Memória**, São Paulo, (15), abr. 1997. p.171.

<sup>7</sup> PALHARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *As muitas faces da história*. Nove entrevistas. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

<sup>8</sup> LENHARO, Alcir. *Sacralização da política*. 2 ed. Campinas SP: Papirus, 1986.

<sup>9</sup> A primeira emissora a ser instalada no Piauí, a Rádio Educadora de Parnaíba, tem o nome da cidade onde nasceu. A cidade está localizada no Norte do Estado, distando 390 km da capital.

<sup>10</sup> DIÁRIO OFICIAL, Teresina, 5 jun. 1940, p.1.

<sup>11</sup> Floriano, cidade localizada na região Sul do Piauí e distando da capital 240 km.

<sup>12</sup> LIMA, Carlos Augusto de Araújo. *Depoimento concedido a Francisco Alcides do Nascimento*, Teresina, 2002.

<sup>13</sup> DANTAS, Deoclécio. *Depoimento concedido a Francisco Alcides do Nascimento*, Teresina, 2002.

<sup>14</sup> Id. Ibid.

<sup>15</sup> Id. Ibid.